

Ano 1650 da Quarta Era. Sul de Dannum.

Na taverna e estalagem de estrada de nome Casa da Caranguejeira, o som que mais se ouvia era a chuva colidindo incessantemente com as telhas acima. Era um lugar simples, com poucas mesas e um balcão longo que escondia prateleiras carregadas de inúmeras garrafas de água ardente e comida preservada de todo tipo. Duas mesas estavam ocupadas por homens ébrios e calados. O dono do bar limpava suas superfícies por falta do que fazer, e sua ajudante sentava em silêncio com o violeiro ao seu lado, que dormia abraçado ao seu instrumento como se fosse uma amante. Um ou outro viajante adentrava o lugar a fim de se defender da água e lama lá fora; vinham e pediam uma dose junto de alguma carne seca com bolachas. Alguns até tentavam sacudir o violeiro a fim de lhe tirar alguma música, mas o violeiro logo os escurraçava, anunciando: “Não trabalho para a taverna, e não quero tocar mais hoje.” Era claro que estava tendo um dia decepcionante, apesar de não se saber o porquê.

Foi então que, quatro horas do anoitecer, sombras se acumulavam do lado de fora da janela; uma dúzia de homens cobertos de mantos adentraram o lugar, jogando de lado o tecido que lhes cobriam e revelando uma pele úmida, porém não encharcada.

Logo foram reconhecidos, e a atitude local imediatamente mudou. Os olhos se alargaram, mãos tremiam, e os corpos se apressaram para deixar o lugar o mais hospitaleiro possível. O dono e sua ajudante saltaram de onde estavam e os acolheram na porta, apontando para os lugares mais aconchegantes do lugar e escurraçando os bêbados do caminho.

Aqueles que os liderava era um homem grande, forte para sua idade avançada, com um olhar frio que parecia se tornar mais meigo com seu tempo de vida, trajando nada de impressionante a não ser um anel de prata feito com muito esmero por um joalheiro habilidoso. Todos os que o seguiam eram homens jovens, muitos deles de origem zarbatiana, coisa facilmente notável pelas marcas tribais em sua cabeça.

“Obrigado, minha jovem.” O homem alto lhe disse, enquanto se sentava e retirava a água de sua testa.

“O senhor deseja uma música?” Disse o trovador, aparecendo ao seu lado de viola em mãos.

“Toque aquela do viajante e do Barril.” Pediu o homem misterioso com um sorriso ao rosto. Se tratava de uma canção leve e divertida, um tom que precisava para se distrair de pensamentos

que lhe mordiscavam os porões da mente. “E, querida...” Pediu à jovem ajudante. “Traga duas doses largas para todos. Por obséquio.” Pontuou, enquanto se ajeitava em sua cadeira.

Quando a moça veio com uma bandeja em mãos, se dirigiu a servir toda a dúzia, mas seu braço logo foi segurado pelo homem alto. Ele ergueu-se, pegou uma das doses e levantou até os lábios daquela que lhe servia. Ela parou por um momento, antes de beber um gole sem grande problema. O homem sorriu, e só então a ajudante se permitiu um sorriso nervoso, hesitando em como prosseguir. O impasse dura até que o homem que lhe barrava o caminho finalmente lhe libera para que seguisse com o serviço, trazendo água ardente em copos de vinho para os acompanhantes sedentos.

Com isso, a taverna se animou um pouco. O líder daquele bando bebia suas doses aos poucos, enquanto seus seguidores já haviam virado sua primeira dose larga, cantando e dançando no centro de tudo. Sorrisos forçados eram içados nos rostos suados dos habitantes locais, palmas se erguiam como se exigidas pela ponta de um sabre. O líder sabia daquilo com certeza, mas não permitiu que aquele fato lhe abalasse mais do que deveria. Ele retornou à sua bebida, e permitiu que esta lhe guiasse para as danças e brincadeiras de seus seguidores. Um sorriso cada vez mais sincero surgindo em seu semblante aos poucos, na medida que os arruaceiros arriscavam truques cada vez mais audaciosos.

Uma voz, porém, se ergueu ao lado de fora. Uma que se repetiu, de novo e de novo, até que fosse capaz de ultrapassar o rugir da chuva.

“Lúcio! Bastardo covarde! Saia daí e me enfrente!” Dizia-se.

O líder dos homens acabara por perder seu bom humor, reconhecendo seu nome quando escutou a fala. E bastou seu sorriso se desfazer, para que a música parasse.

Os jovens que lhe acompanharam foram os primeiros a defender sua honra, no entanto, erguendo-se todos e encaminhando-se ao lado de fora. Lúcio levantou-se, mas apenas pois os seus já haviam tomado suas dores.

Quando atravessou o batente, encontrou um homem descabido, de olhos selvagens, com uma faca aguda em mãos, vestindo apenas uma calça rasgada de cordão desamarrado, frouxa em sua cintura, seus pés descalços afundando cada vez mais na lama da estrada vazia e escura. Seu rosto ensandecido era iluminado apenas pela luz das lamparinas internas da taverna.

“Lúcio.” Vociferou ele, em voz quase imperceptível, quando seus olhos loucos encontraram o homem que procurava.

A expressão de Lúcio, porém, não mudou. Em verdade, parecia que aquilo era situação corriqueira a ele, apenas respondendo com tom de preocupação: “Está um aguaceiro danado, rapaz. Não quer entrar antes de resolvermos isso?”

“Não me reconhece?” Foi a resposta dele, ignorando a pergunta por completo.

“Deveria?” Disse Lúcio.

“Chamo-me Joel, filho de Jacó. Você abateu meu pai como gado em minha frente, e na de minhas irmãs. Eu lhe disse, lhe disse que retornaria quando crescido. Disse que arrancaria-lhe a cabeça. E cá estou.” Falou ele, brandindo sua lâmina após as últimas palavras.

O tenente de Lúcio deu um passo à frente, mas logo teve seu braço segurado, deixando claro que a discussão não havia acabado. “Então não. Não deveria. Veja, camarada Joel... Eu matei muitos homens em minha vida. Muitos deles o fiz em frente de suas famílias. O fiz por dinheiro, por favores e por contrato. Se está aqui de pé, esperando que eu me recorde das lágrimas de uma criança, temo lhe dizer que vi faces chorosas demais para me recordar da sua.”

Joel morde seu lábio e cerra seu punho ao redor de sua lâmina. Então, para dar vazão a uma fúria já insana, ele ri. “Até mesmo nisso... Até mesmo aqui, você me insulta. Comete uma atrocidade, destrói uma família, mata um homem bom, e isso nem sequer toma sua memória. Nem sequer afeta-lhe o sono.” Sua face estava inchada, seus olhos vermelhos. A chuva escondia suas lágrimas. As mesmas lágrimas que escorreram copiosamente pelos arredores de seu queixo naquele mesmo dia.

“Tenho certeza que sim. Estou certo de que seu pai foi um bom homem. Estou certo de que destruí sua família. Mas está errado de que isso não arruina meu sono. Hoje estou velho, rapaz, e já não cometo as crueldades de outrora. Se não me recordo de seu pai, é por ele estar perdido em uma multidão de fantasmas. Veja, não desejo que morra, e o que tem à sua frente é uma batalha que não pode vencer. Olhe só para seu porte. Não é um guerreiro. Não tenho nem certeza se é um trabalhador braçal ou um jardineiro. Apenas digo que deve largar esta arma, antes que mais um fantasma me atormente em meu sono.”

Joel respondeu de imediato. “Saio daqui com sua cabeça, ou daqui não sairei.”

“Pois bem.” Lúcio fez que sim. Então soltou o braço de seu tenente.

E esse, como um cão bem treinado, imediatamente caiu para a ação. Caçando de sua vítima antes do fim. “Veja só, rapazinho...” Falou ao jovem homem. “Pode querer a cabeça do meu chefe, mas antes vai ter que passar por mim.” Disse. E quanto mais se aproximava, mais ficou

claro a diferença na fisicalidade dos dois. O tenente era alto, forte, com um corpo moldado pelo conflito de vida ou morte, enquanto o homem à sua frente era tudo menos isso. “Então vamos, faça comigo o que veio fazer com ele.”

“Saia da frente, tenho nada contra você.” Falou Joel.

E todo o bando de Lúcio caiu em gargalhada. “Mas é claro que tem!” Exclamou o tenente. “Não o odeia pelas crueldades que fez? Pois saiba que estou no mesmo caminho. Sou tão forte, tão inescrupuloso e tão ruim quanto nosso nobre chefe era em seus dias de juventude. Então venha, homenzinho, me mostre o que faria com ele no dia da morte de seu pai. Mostre-me- -”

E antes que pudesse terminar a fala, Joel cortou em sua direção, e não morreu por conseguir desviar em puro instinto. A faca não o atingiu de forma profunda, mas abriu um corte raso em sua bochecha.

O tenente, no ápice de sua crueldade, lhe mostrou do que um homem de sua estirpe era capaz. Segurou seu pulso e lhe atingiu com um soco em seu olho, a quina de seu punho estourando o globo e fazendo o outro cair sentado em agonia. Antes que pudesse ao menos contorcer sua face, recebeu um chute em seu rosto que fez voar quatro dentes e torcer o seu nariz. Estatelou-se na lama, sem recordar onde estava ou o que fazia, engasgando-se na água da chuva e no sangue que fluía de suas gengivas.

“Eu poderia matar-lhe de uma vez aqui mesmo.” Disse, pisando no pulso de sua vítima para que soltasse sua arma. “Mas vou mostrar que não sou de todo cruel.” E virou-se aos seus homens.

“Venham rapazes, juntem-se à brincadeira.” E os outros homens se aproximaram.

Juntos, espancaram o vingador com mãos nuas, e se demoraram ao fazê-lo.

Lúcio já não tomava qualquer prazer naquela visão, então fez questão de dar meia volta e retornar para o interior da taverna.

Cruzou todo o estabelecimento, notando que o lugar havia caído em absoluto silêncio, enquanto o barulho de bicas que escorriam do telhado se confundiam com os sons de ossos que quebravam lá fora. Sentou-se em sua mesa, e lá sorveu sua bebida vagarosamente.

Um quarto de hora se passou antes que os zarbatianos retornassem, rindo entre si como meninos, exigindo flanelas para que limpassem suas botas e seus punhos do sangue fresco.

O tenente sentou na mesa de seu Chefe, com um sorriso em seu rosto.

“Não sei o que esses tipos tem na cabeça.” Falou, tomando um de seus copos e virando de uma vez, envigorado pela violência. “Parece que toda estação três ou quatro estão aparecendo. Morrem do mesmo jeito. Tolos e fracos.”

“Eu sei o que tem na cabeça.” Lúcio respondeu, taciturno.

“Ah é?”

“Sei por que me contam. Toda vez que fecho os olhos. Estou farto de tanto me falaram, esta é a verdade. Sabe o que tem?”

“O que é?” Disse alargando seu sorriso, pois esperava uma anedota.

“Nada.”

O tenente desfez seu sorriso. De repente, não tinha resposta, então levantou seu copo um pouco mais, como se tivesse mais algo a tirar dele, mas não tinha. Então, Lúcio continuou. “Eu lhes infligi uma ferida que não sara. Que não importa quantas ataduras se coloque, só se tornam mais e mais pustulentas. No fim, a dor lhe rouba de tudo. Um dia acordam e não são capazes de sorrir, de cantar, de amar. Apenas ódio permanece. Ódio de mim. E quando não se tem nada, rapaz, morte não lhe dissuade.”

“Palavras bonitas, mestre.” Respondeu o outro, com um olhar distraído.

“Palavras que não entende. Ou talvez entenda, apesar de não saber. Não importa.” E bebeu mais uma vez. “Qual motivo eu tenho para julgá-lo? Estamos vivendo a mesma farsa, eu e você.”

E o outro lhe encarou longamente. Sem saber o que dizer, ou sem ter as forças para fazê-lo.

Isso irritou Lúcio profundamente, apesar de não saber o motivo. Seu eu antigo teria arrancado-lhe o nariz primeiro, pensado na validade de sua fúria depois. Mas estava velho, cansado, então se conteve.

“Gostaria de mais um refresco?” Perguntou uma voz ao seu lado. Era a ajudante do taverneiro. Sua face tinha um peso incomum, como se fosse a única que escutou suas palavras naquele momento.

“Não.” Disse Lúcio, virando toda sua atenção à ela. “Mas venha, sente-se. Você, para fora. Vá brincar com os outros meninos. Sinto que tem algo a falar, minha querida. Venha, sente-se sem medo. Fale o que tem em mente.”

Ela se sentou, sua bandeja vazia apertada contra seu colo, mas seus olhos alertas para o homem a sua frente. Permitiu um instante para pensar, então lhe disse: “Parece infeliz com essa vida.”

“Sim.” Disse ele, e sorriu com grande satisfação. “Sim estou.” E riu. “Perdoe minha face boba. Faz muito tempo desde que não recebo o prazer de uma resposta real. Me cerco de tolos e covardes, e nenhum deles é capaz de ouvir e revidar apropriadamente. Mas sim, estou insatisfeito.”

“Mas se está insatisfeito, por que não muda?”

“Acredita que um homem é capaz de mudança?”

“É o que diz a sabedoria.”

“A sabedoria...” Sorriu ele mais uma vez. “A muito não escuto sobre a sabedoria. A muito que não escuto as vozes de oradores da palavra, a não ser por clemências e piedades. O que diz a sabedoria, minha jovem? Refresque minha memória.”

“Que o homem é dono de seu destino. Que ele deve se livrar dos vermes em seu coração para se unir ao Celeste em seu lado.”

“É mesmo?” Perguntou Lúcio, e ela faz que sim. “Qual o seu nome, querida?”

“Joana.”

“Joana, lhe digo que este não é o meu mundo. Tudo que aprendi me diz que os vermes não saem do coração de um homem a não ser que estes sejam arrancados do seu peito à machadadas. Vi muitos homens tentarem ser bons, após um ou outro evento em suas vidas. O nascer de uma filha, o casamento com uma boa mulher. Mas sempre os encontro anos depois, tão ruins como antes, ou frios e comidos pela terra. Se o mal lhe tomou, ele tem um grande talento em mantê-lo em seus dedos. Não é natural, não, de forma alguma. Mas se torna natural. Não creio que um homem que comete inúmeras atrocidades pode se tornar nada além do bandido que é. O mal é uma habilidade, e ter este em suas mãos se torna uma tentação grande demais. Um homem bom busca a paz, mas a paz é um insulto para aqueles que provaram do êxtase da crueldade. De tomar um inimigo em suas mãos e deformá-lo em seus punhos. Não há bondade de tamanha força neste mundo.”

Ela baixou sua cabeça, pensando por um tempo. Quando a ergueu tinha um face contorcida em confusão.

“Eu tenho uma dúvida, então... Acha que o bem é mais forte que o mal? Como diz a sabedoria?”

“Risível.” Disse ele, com seu sorriso amarelo. “Se visse o que vi nesta vida, jamais diria tal absurdo.”

“Tenho mais uma dúvida...”

“Por favor.” E jesticulou para que prosseguisse, sorvendo mais uma vez da aguardente.

“Uma pessoa boa pode se tornar ruim? Na sua visão.”

Lúcio riu. “É muito cheia de perguntas. Boas perguntas também. Foi aluna de algum orador?”

“Não...” Disse ela, baixando a cabeça e sorrindo. “Mas fiz parte dos teatros da minha vila. Dos quatro aos oito anos fazia um dos anjinhos do Celeste, com as asinhas de madeira. Os oradores compareciam muito aos espetáculos. Fazia muitas perguntas a eles, ao ponto de que meu pai me proibiu de falar demais com os pobres coitados, pois não conseguiam terminar uma parábola que fosse em suas conversas. Se meu pai estivesse aqui, estaria me puxando a orelha e me jogando para o balcão.” Terminou, sorrindo.

Lúcio riu. “Faz sentido. Mas não estou desviando de sua pergunta. O que perguntou, mesmo?”

“Se uma pessoa boa pode se tornar ruim.”

“Sim!” Exclamou, recordando-se. “Acho que sim. Como falei, o mal consegue tomar qualquer um. Fazer de homens criaturas.”

“Então não existe bondade no mundo?”

“Eu não iria tão longe.”

“Mas se o que é bom vira mal, e o que é mal não pode virar bom... Todo mundo eventualmente vira mal... Não é?”

E então Lúcio entendeu o motivo dos seus homens terem tanto temor de respondê-lo. Aquela pequena resistência lhe indignou profundamente. Apertou o copo em suas mãos até sentir o ceder de suas bordas. Mas então, quando a donzela lhe fitou e não encontrou medo em seus olhos, desfez sua fúria em gargalhada. “Talvez eu não esteja pensando em algo. É verdade. O mundo seria mais difícil de roubar se todo homem fosse um cortador de gargantas. É verdade. Vê? Por isso que seu pai lhe puxava as orelhas. É algo desagradável ter alguém questionando-lhe o tempo todo. Mas é verdade... O que me diz, então? Já que sabe de tanto. Acha que um ser como eu tem a capacidade de se redimir?”

“Acho que todos tem.” Disse ela com um sorriso. “Mas acho que nem todos tem a força para isso.”

“Acha que não tenho a força para me redimir?” Perguntou Lúcio, sua face ausente de todo sentimento.

“Talvez não tenha o tempo.” Ela replicou, sua face não tão diferente. Após algum tempo, complementou: “Todos sabem dos feitos de Lúcio Peito Vazio. Foram muitas coisas que fez.”

Lúcio fez que não. “Não importa, querida. Se eu passasse o resto de meu dia ajudando os idosos, fazendo casa para os pobres e doando comida aos famintos. O resultado seria o mesmo. O Inferno me aguarda.”

“Há uma nobreza em tentar.” Disse ela, tentando trazer certa coragem.

Lúcio fez que não mais uma vez. “O Inferno me aguarda.”

“Tem certeza?”

“Se você não tem, é por seu coração ser muito puro, e não entender o que fiz. Por não ouvir o que os fantasmas me dizem quando deito em meu travesseiro. Se o grande senhor me perdoasse e me trouxesse para seus braços, todos eles se juntariam e arrastariam-me para as profundezas, mesmo se em troca de sua própria salvação.”

Ela fez que sim e, estranhamente, sorriu um sorriso amargo. “Entendi.”

“Hoje estou apenas perambulando, mantendo o bando enquanto posso, pagando meus impostos para que a lei não nos perturbe. Esperando. Um dia minha sina há de me encontrar. Um dia haverá um homem que não é só consumido por vingança, mas que também é sagaz. Ele irá nos colocar em uma situação ruim, uma emboscada, e irá nos perfurar por todos os lados. Ele tomará meu corpo sangrante, perguntará se eu me lembro dele onde eu responderei na negativa, então ele há de serrar minha cabeça ou meu escalpo. E minha visão derradeira serão de seus olhos terríveis, antes que tudo se torne escuro. Este dia está chegando, eu sinto em minhas entranhas. E nesse dia eu irei pagar pelo que fiz. Não em vida. Não... seria trabalho demais. Mas na agonia da morte, então, em sofrimento eterno. Mais do que justo. Como deve ser.”

Então silêncio se fez entre os dois.

Joana suspirou profundamente. “Eu discordo.” Ela disse, abrindo um sorriso meigo.

Lúcio gargalhou repentinamente. “É claro que discorda. É uma flor pura desse mundo, que nada viu de ruim nele. Um verdadeiro anjo, como em suas peças.” Terminou sua risada e trocaram um encarar prolongado. “Nunca deixem que lhe roubem dessa disposição, minha querida. É mais preciosa do que pensa.”

Ela nada respondeu.

“Se me dá licença.” Lúcio empurrou sua cadeira e se ergueu. “Esta bebida de baixa qualidade me deu um torpor infernal. Taverneiro!” Berrou ele ao homem que se tremeu. “O quarto de sempre para mim. Os outros que durmam onde bem entenderem.”

“Sim, senhor. Com a janela larga?”



“Esse é o de sempre.” Respondeu, irritadiço, e se encaminhou até o lugar desejado.

Atravessou o batente e escancarou a porta. A janela larga permitia bastante luz noturna entrar, enquanto apaziguava o seu terror de lugares apertados e sem saída. Um cachorro dormia acima da cama, que ele tomou pelo couro do pescoço e arremessou ao lado de fora como uma mala velha. Deitou-se ali, e enquanto fazia provocou os espectros de sua consciência:

“Venham, amaldiçoados. O que tem para mim hoje?” Então deitou-se ao travesseiro e relaxou.

Após um certo momento, provocou-os uma última vez. “O que há? Por que estão tão calados?” E com isso, não demorou para dormir.

Acordou no meio da noite. Suava como um porco, seu travesseiro inundado com a saliva que escapava copiosamente de seus lábios secos. Tentava respirar mas seu pulmão estava raso, e mal conseguia puxar um fôlego que fosse. Tossia, mas falhava em aliviar-se. Então tossia com mais força, ao ponto de seu corpo inteiro tremer-se. Estava fraco, e suas pernas não mais se erguiam, nem mesmo seu pescoço era capaz de mexer sua cabeça. Sua visão estava turva e dobrada. Suas mãos estavam frias. Em desespero, tentou gritar por ajuda, mas seu berro mais potente não passava de um sussurro. Em desesperou, quis saltar da cama, mas meramente rolou para fora desta e estatelou-se no chão de madeira. Arrastou-se pelo chão, como um rato parcialmente esmagado, e apenas ao chegar na fresta da porta foi capaz de enxergar o tumulto pelo lado de fora.

Os zarbatianos que lhe seguiam se arrastavam de canto a outro, clamando por ajuda com suas gargantas fechadas, derrubando cadeiras e caindo sobre mesas. Alguns já estavam mortos, com suas bocas cheias de baba espessa. E no meio de tudo isso, havia o desespero do taverneiro, que era mais barulhento que os homens que morriam.

“Pelo celeste! Mulher! Tome esta água! Volte aqui! Ah, anjos me acudam... O que foi que você fez, criatura? Esta é minha vida! Diabos, o que fez consigo mesma!” E entre os mortos vivos que caíam aos poucos com seus pulmões inundados de água e pus, havia uma figura angelical que suave e se arrastava de canto a outro assim como os danados que partiam.

“Joana! Volte aqui! O que está fazendo? Anjos me acudam... Me acudam!” E o músico foi até o taverneiro para sentá-lo, mesmo em meio ao caos, pois a face branca demonstrava que logo desfaleceria. “O que vou fazer, meu amigo, quando souberem do que houve aqui? Não sobrá um de nós!”

E foi nesse momento que o peso de uma pessoa se jogou sobre a porta, que atingiu Lúcio em seu nariz, mas não lhe tirou um gemido sequer.

Lá ele viu, com toda clareza. A figura de Joana.

Sua face pálida, seu queixo coberto em uma saliva espumante, seu peito de respiração rasa, mas ainda forte o suficiente. Seus olhos porém, eram intensos, terríveis, e por trás deles havia uma coisa apenas.

Nada.

Ela desce seu joelho na barriga do monstro a sua frente, retirando o pouco fôlego que este foi capaz de acumular, então toma sua mão e arranca com grande força um anel prateado de seu dedo.

E naquele momento, quando ela se ergueu mais uma vez e fechou o anel em seu punho, lembrou daqueles olhos chorosos.

*“O que eu lhe disse? O que eu lhe disse que aconteceria quando não conseguisse pagar?” Falou Lúcio, armado com uma machadinha, para um homem segurado por outros quatro, tornado na direção de sua família rendida por amarras. “Eu disse que ia tomar o que eu queria não é? Pois veja só, estou olhando esse seu anel desde o dia que lhe vi. Mas veja, seu dedo é muito gordinho e não tenho banha nenhuma para tirar ele daí. Mas eu tenho uma ideia melhor. Segurem a mão dele.” Falou, para um bando de outros doze zarbatianos que não durariam cinco anos em seu serviço. E quando a mão do homem foi prostrada em um toco, desceu a machadinha em seus dedos. Seu grito anunciou quatro dedos decepados. “Era pra acertar só um, mas a bebida levou minha técnica.” Disse ele, rindo com os homens de Zarbatus. “E agora que eu me ressarci, vem a sua punição. Puxem os poucos cabelos deste degenerado.” E sua cabeça foi erguida na direção de sua mulher, seu filho, suas quatro filhas.*

*E de sua boca saiu suas últimas palavras. “Fechem os olhos, pelo amor de - -” Foi interrompido por uma lâmina que errou seu pescoço. Um golpe cinco polegadas acima do alvo, partindo sua cabeça parcialmente, mas não matando-lhe completamente. As crianças não fizeram som algum, e não fariam por muitos tempo. Apenas os gritos de sua mulher eram ouvidos.*

*“Que diabo... Estou acertando nada hoje.” Comentou Lúcio, e atingiu o homem mais três vezes antes de partir-lhe o pescoço. Quando finalmente o fez, virou-se para a família, pois julgava*

*covardia não fita-los após fazer o que fez. Um menino e uma menina apenas viraram-se para ele quando fez isso. E para eles sorriu.*

“Eu lembro...” Sussurrou Lúcio, tão baixo que mal era capaz de ouvir sua própria voz. Ela não respondeu, apenas tossiu, enquanto sentia seus pulmões encherem.

E enquanto Lúcio perdia a luz de seus olhos, e tudo se tornava escuridão, seus ouvidos se encheram de um som. Um som peculiar. Como os passos de uma larga multidão no escuro, que se apressava com avidez em sua direção.

Joana notou que não havia mais vida por dentro daquele olhar. Então tocou sua mão na parede, e se arrastou até o lado de fora. Lá, onde o violeiro e o taverneiro discutiam, carregando um dos zarbatianos mortos e planejando onde os enterrariam, enquanto tropeçavam por cima de um que ainda morria.

Joana foi até a frente da taverna, lá encontrou o corpo de seu irmão, aquele que permitiu morrer ao lado de fora no silêncio de sua impotência. O viu estendido, quebrado, de olhos inchados e sem nenhuma dente a sobrar em sua boca. Apenas então se permitiu chorar. Com pés fracos ela caiu, então se arrastou de quatro apoios até ele. Tomou-o em seu colo. Sentiu sua pele fria, fria demais. Mas o abraçou ainda assim, usando toda a sua força para carregá-lo em seu peito.

Beijando sua face desfigurada ela exclamou para sua alma, e para aqueles que a aguardavam.

“Meu amado irmão... Minha querida família... Estou chegando...”

Ela sente sua força se esvaír, mas não permitiu que seu irmão descolasse de seu peito, caindo ao seu lado. Seu punho mole permite o anel de prata cair sobre a lama, desaparecendo para sempre na sujeira da estrada.

“Estou chegando...”